



Argentina e Brasil nunca negligenciaram suas relações bilaterais, elas foram sempre intensas mas de caráter oscilante: houve momentos onde prevaleceu a tensão e em outros, o diálogo. No entanto, a partir dos anos oitenta, inaugurou-se um novo tipo de relação que se mantém até hoje. Ao contrário do que aconteceu no passado, desta vez não só o diálogo foi intensificado, mas também se consolidaram os esforços para envolver as duas sociedades no processo desencadeado por ambos os governos. Parceria estratégica, aliança estratégica, associação inevitável, casamento de conveniência, tem sido alguns dos qualificativos para definir essa nova relação. A verdade é que ambos os vizinhos e parceiros do Mercosul, que também tem sofrido progressos, retrocessos e impasses, compartilham o espaço comum latino-americano e um lugar na agenda um do outro, que varia de acordo com os governos, os estilos políticos dos presidentes e as conjunturas regionais e globais.

A partir de 1995, a **UERJ** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e a **UNR** (Universidad Nacional de Rosario) começaram a se envolver nesse processo de forma ativa, por intermédio, num primeiro momento, da relação pessoal e acadêmica de alguns professores, em particular Williams Gonçalves e Gladys Lechini. Os temas que foram trabalhados por esse grupo de acadêmicos versavam sobre o estudo das políticas exteriores de Argentina e Brasil, seus modos de inserção e as percepções mútuas e globais de seus respectivos governos, bem como a existência de políticas governamentais em torno de questões consideradas cruciais.

Em 2009, no intuito de reforçar mais ainda essas relações, os professores do **PPGRI-UERJ** e o **PEAB** (Programa de Estudos Argentina-Brasil) da **UNR** criaram o **NEIBA** com vistas a fornecer uma base institucional para o desenvolvimento dos estudos na área de Relações Internacionais, com especial destaque para temas vinculados a Argentina e Brasil.

Com a edição, a partir de 2012, dos "**Cadernos Argentina-Brasil do Neiba**", pretendemos não só divulgar os trabalhos de professores e alunos dos respectivos programas, mas também as contribuições acadêmicas de professores e pesquisadores de outras instituições. Dessa forma, iniciamos uma nova fase no desenvolvimento do programa de colaboração, que pode ser considerada de consolidação, abrindo novas perspectivas e desafios para o **NEIBA**.

As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade de seus respectivos autores.

Seu download é gratuito, a partir do site www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba.

© Todos os direitos são reservados ao PPGRI/UERJ.

Visite o site <http://www.neiba.com.br/>, em Publicações, aonde há mais informações sobre a revista e sobre suas normas para publicação.

Editor – *Hugo Rogelio Suppo*

Editora – *Gladys Lechini*

Assistente de Editoração – *Ana Clara Branco de Matos Costa*

Revisão – *Cristiane F. Baptista*

Conselho Consultivo:

Analúcia Danilevicz Pereira – Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais / UFRGS

Carlos Eduardo Vidigal – Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB)

Carlos R. S. Milani – Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Clarissa Dri – Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina

Iara Costa Leite – Departamento de Economia e Relações Internacionais/UFSC

Javier A. Vadell – Programa de Pós-Graduação em RI da PUC Minas

Olivier Compagnon – Université Sorbonne Nouvelle – Diretor do Institute des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL) – Paris 3

Shiguenoli Miyamoto – Departamento de Ciência Política – UNICAMP



Conselho Editorial:

Alexis Toríbio Dantas

Ana Paula Tostes

Bruno de Moura Borges

Cláudio de Carvalho Silveira

Clóvis Eugenio Georges Brigagão

Lená Medeiros de Menezes

Lia Cecília Baker Fonseca Valls Pereira

Marcelo Mello Valença

Maria Luisa Rocha Ferreira de Mendonça

Maurício Santoro Rocha

Miriam Gomes Saraiva

Mônica Leite Lessa

Paulo Afonso Monteiro Velasco Júnior

Williams da Silva Gonçalves

ISSN: 2177-7314

Correspondência:

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rua São Francisco Xavier, 524, 9º Andar, bloco F, sala 9037.

Rio de Janeiro RJ Cep.22071-030 Brasil

Tel. 55 21 23340678 / 55 21 96065754

E-mail:

uerjneiba@gmail.com

APOIO:



REALIZAÇÃO:



COLABORAÇÃO:





Editorial

A publicação do número especial da Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil, é dedicada à divulgação dos melhores trabalhos apresentados no V Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais (SimpORI), realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 07 e 09 de novembro de 2014, é motivo de orgulho. O dossiê não só reafirma o compromisso de nossa Revista com a promoção e divulgação da produção acadêmica discente dos cursos de pós-graduação, como também contribui para a consolidação das Relações Internacionais como campo dotado de identidade disciplinar própria. Dessa forma, o tema central do SimpoRi, Regionalismo e Lideranças Regionais, encontra-se no cerne dessa busca da disciplina por uma identidade própria, que deve ter como horizonte prioritário o desenvolvimento de nossa região. Esperamos, como sempre, que nossos leitores encontrem aqui material para suas reflexões e inspiração para seus projetos profissionais e, por conseguinte, de vida.

Hugo Rogelio Suppo
Editor-Chefe



V SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS – SimpoRI 2014

Regionalismos: Em Busca de um Novo Debate sobre a Integração Regional

O Regionalismo não é assunto recente nas Ciências Sociais e ainda está longe de ser completamente compreendido. Em um regresso às origens do fenômeno que talvez tenha sido o mais marcante do século XX, o caso europeu representou ao mesmo tempo uma promessa de trégua, após duas das maiores guerras já vistas pela humanidade, e uma barricada liberal às alianças que se consolidavam entre os países mais a leste. Uma cortina de ferro, ideológica, traçaria o limite e a cicatriz de tensão regional.

Ainda naquele século, durante a década de 60 e o auge da Guerra Fria, outra região do mundo vivia fenômeno similar: países asiáticos conciliavam a cooperação em defesa e segurança, enquanto a China e o Sudeste Asiático eram ameaças desestabilizadoras da ordem do então sistema internacional. Todo esse avanço levou, nos anos 80 e 90, a uma verdadeira explosão nos estudos de cooperação regional com o advento dos governos civis, a derrocada do embate bipolar e a vitória da ordem liberal.

Como diversos temas que envolvem as relações internacionais, o Regionalismo mantém-se desafiante aos Estados e exige de nós, analistas, outras interpretações dos fatos e transformações que afetam de tempos em tempos o nosso entendimento sobre a política internacional. Os debates sobre o tema são, pois, fundamentais por conta de se identificar as razões que inauguram ou aceleram a formação regional.

Vivemos no século XXI um período de evolução do pensamento regionalista. Muito se fala da tendência não economicista das modernas tentativas de integrações regionais, substituindo, desta forma, a fase do regionalismo aberto por um regionalismo pós-liberal, que visa a fomentar a cooperação política, social e estratégico-militar em detrimento das ideias antecedentes. Os problemas sociais, políticos e geopolíticos e não mais o autoritarismo, as crises financeiras e a Guerra Fria são o *leitmotif* das atuais agendas regionalistas. Reflexos dessa dinâmica são encontrados na América do Sul, com a criação da União de Nações Sul-Americanas (Unasul) e da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (Alba); na Europa, com o lançamento do tratado constitucional de Lisboa; e na Ásia, com o surgimento da Cooperação Organização de Xangai.

É notável o caso da América do Sul, nosso subcontinente, quando se pensa nessa nova modalidade de regionalismo. A partir da década de 2000, a região vivenciou uma verdadeira disseminação de governos esquerda: Néstor e Cristina Kirchner na Argentina, Lula da Silva e Dilma Rousseff no Brasil, Hugo Chávez – desde 1999 – e Nicolás Maduro na Venezuela e Pepe Mujica no Uruguai. Este processo se revelou como uma resposta dos cidadãos aos efeitos deletérios das antigas



políticas econômicas, que geraram ampla desigualdade social e miséria. Atualmente, são maiores os esforços por uma inserção regional mais ativa e por uma cooperação mais sólida entre os países sul-americanos, envolvendo aspectos políticos e sociais.

Além da criação de novas instituições, como as supramencionadas Unasul e Alba, o Mercosul tem desenvolvido uma preocupação pelas sociedades e sua integração no aspecto social, onde grupos e minorias civis de cada Estado tenham a oportunidade de participar da solução dos problemas que os afetam, indicando as melhores alternativas para a resolução das vicissitudes que acometem os Estados-membros.

Ainda sobre o Mercosul, um dos blocos regionais mais bem consolidados das últimas décadas, o ponto de inflexão entre a antiga ordem integracionista economicista e o surgimento do novo regionalismo pós-liberal ocorreu no ano de 2003, com a declaração do “Consenso de Buenos Aires”. Neste último ficaram delineadas como metas principais tanto uma maior articulação de políticas comuns para uma integração menos assimétrica, promovendo ideias para a formação de cadeias produtivas, como a adoção de uma agenda de políticas sociais para o bloco. Segundo o documento oficial:

Nosotros, los Presidentes de la República Argentina, Néstor Kirchner, y de la República Federativa del Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, convencidos de que el bienestar de los pueblos constituye el objetivo prioritario de ambos gobiernos, reafirmamos nuestra voluntad de intensificar la cooperación bilateral y regional para garantizar a todos los ciudadanos el pleno goce de sus derechos y libertades fundamentales, incluido el derecho al desarrollo, en un marco de libertad y justicia social acorde con los valores, propósitos y objetivos establecidos en la Cumbre del Milenio.

Destacamos la trascendencia que la consolidación de la democracia política posee para nuestra región así como nuestro común propósito de fortalecerla, asumiendo la responsabilidad histórica que nos concierne en relación con el combate a la pobreza y la desigualdad, el desempleo, el hambre, el analfabetismo y la enfermedad, que configuran una pérdida efectiva de autonomía y dignidad de las personas, obstaculizando gravemente el ejercicio pleno de la ciudadanía (Cristina Kirschner y Lula da Silva, 2003).¹

No mesmo sentido, em 2006, os participantes do bloco constituíram o Parlamento do Mercosul, intitulado Parlasul, cujo objetivo se fundamenta primordialmente na representação civil dos cinco Estados-membros. É este órgão que legisla sobre matérias comuns entre as sociedades, atuando por meio de comissões específicas para cada assunto, como: Tecnologia, Cultura, Educação, Trabalho, Segurança Social, entre outras.

¹ Disponível em: <<http://www.resdal.org/ultimos-documentos/consenso-bsas.html>>. Acesso: 07/03/2015.



Esta breve apresentação versada no tema principal do **V Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais (SimpORI)**, Regionalismo e Lideranças Regionais, introduz vocês, leitores, às novas ideias que permeiam os debates no meio especializado e demonstra o quanto as novas tentativas regionalistas, como a dita pós-liberal – esta uma das novidades que revelamos através de convidados, autoridades e estudantes –, contribui para o surgimento de alternativas originais que edificam um novo paradigma da integração regional na América do Sul e no mundo.

Visto isso, a comissão organizadora do V SimpoRi tem a honra de reunir, nesta edição especial dos **Cadernos Argentina Brasil** do Núcleo de Estudos Internacionais Brasil-Argentina (Neiba), uma seleção dos melhores trabalhos apresentados no evento, que foi realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 07 e 09 de novembro de 2014.

Esperamos que os textos colaborem para despertar novas reflexões sobre temas tão urgentes e necessários à nossa área e ao nosso tempo. Desejamos a todos uma proveitosa e questionadora leitura!

Comissão organizadora do V SimpoRi

Alessandra Beber Castilho

Charlotth Back

Felipe Siston

Leandro Gavião

Renato Thomaz Borges



Sumário

“Continuar não é repetir”: a política externa dos governos Lula e Dilma em perspectiva comparada

Adriana Pilar Ferreira Albanus

1 – 12

Política Externa é Política Pública: reflexões sobre a política externa brasileira

Danielle Costa da Silva

13 – 23

Since Imperial Viscounts until Republican Barons: “region” at the conservative diplomatic lineage at Itamaraty (1840s to 1930s)

João Catraio Aguiar

24 – 33

A ditadura civil-militar diante da crise: Os sequestros de diplomatas no Brasil e a análise do processo decisório em política externa

Juliana Ramos Luiz

34 – 44

A Energia na Política Externa Brasileira

Renata Albuquerque Ribeiro

45 – 58

Os resultados do Acordo de Belfast: As identidades e as decorrências do processo de paz na Irlanda do Norte

Leandro Loureiro Costa

59 – 65

As políticas para a difusão da música brasileira para o mundo

Marcelo de Souza Freitas

66 – 76

A “guerra às drogas” a partir de lentes feministas: interseções teóricas possíveis

Ana Clara Telles C. de Souza

77 – 88



Explorando e defendendo: Brasil, Argentina, Uruguai e o Atlântico. As riquezas do Atlântico Sul e as estratégias dos países sul-americanos para manutenção e proteção do território

Alana Camoça Gonçalves de Oliveira e Gabriela Figueiredo Netto

89 – 102

Geopolítica da integração: uma crítica às noções de checkerboard e shatterbelt na América do Sul

Glauber Cardoso Carvalho

103 – 115

Por uma integração via educação: o novo marco do Mercosul Educacional no século XXI

Larissa Rosevics

116 – 128

A integração agroalimentar no Cone Sul e os desafios para a segurança e a soberania alimentar

Sara Garay

129 – 141

A critical deconstruction of myths and misunderstandings about energy integration in South America

Thauan Santos

142 – 150

Iniciativas na área de segurança e defesa do Atlântico Sul no âmbito das relações Sul-Sul

Fernanda Pacheco de Campos Brozowski

151 – 160

Soberania como responsabilidade: uma nova visão para a segurança internacional

Flávia Rodrigues de Castro

161 – 171